

## **VISÕES DE ESCOLA E DE PROFESSORES/AS NA IMPRENSA CARIOCA**

Maria de Lourdes Rangel Tura

Faculdade de Educação/UERJ

[ltura@centroin.com.br](mailto:ltura@centroin.com.br)

**Resumo.** Esse artigo apresenta dados de uma pesquisa sobre notícias veiculadas nos jornais O Globo e o Dia – os de maior circulação na imprensa carioca - no ano de 2004. Objetivou-se analisar significados e sentidos de fotojornalísticas de escolas e professores/as estampadas nesses periódicos. Na construção do texto, foram estudadas as formas de emissão/ recepção no campo jornalístico de certos conteúdos simbólicos que se vinculam mais diretamente ao objeto de estudo; e se distinguiu aquilo que passou pela prova da seleção jornalística e adquiriu visibilidade pública. O estudo aponta para intenções, fórmulas, crenças e valores que as empresas jornalísticas queriam divulgar e para os quais procuravam dirigir o olhar do leitor. Assim, muitos sentidos e significados vinculados à escolarização e ao trabalho docente foram enunciados em mensagens fotográficas e, nas suas margens, práticas pedagógicas e instituições escolares foram fortalecidas ou desprestigiadas.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental, fotojornalísticas e educação, mídia e educação.

**Abstract. Visions of school and of teachers/as seen in the Rio de Janeiro press.** This article presents data from research into reports published in the dailies O Globo and O Dia – Rio de Janeiro’s highest circulation newspapers – in 2004. Our aim was to analyze the meanings and senses of journalistic photos of schools and teachers printed in those newspapers. In the construction of the text, a study was made of methods of emission/reception in the journalistic field of certain symbolic contents that are related more directly to the study object; and what had gone under the scrutiny of journalistic selection was picked out and acquired public visibility. The study points towards intentions, formulas, beliefs and values that the newspaper companies wanted to disclose and to which they sought to direct the reader’s eye.

Therefore, many senses and meanings related to schooling and to teaching work were expressed in photographic messages and, in their margins, pedagogic practices and scholastic institutions were strengthened or disparaged.

**Key words:** Primary Education, journalistic photos and education, media and education.

Esse artigo apresenta dados de uma pesquisa sobre notícias veiculadas em jornais cariocas a respeito do Ensino Fundamental e, mais especificamente, o que se intenta analisar são os significados e sentidos de fotojornalísticas de escolas e professores/as estampadas nesses periódicos.<sup>1</sup>

Melhor dizendo, tendo por apoio o crescente interesse pelas imagens visuais, o que se pretende estudar neste texto são, por um lado, as formas de emissão/recepção no campo jornalístico de certos conteúdos simbólicos, fazendo ênfase naquilo que se vincula mais diretamente ao campo educacional e ao processo de escolarização de massas. Por outro lado, busca-se distinguir, nesse campo profundamente dominado pelas pressões do mercado, aquilo que passou pela *prova da seleção jornalística* e assim lhe foi conferida uma *visibilidade pública*, pautada por *princípios de visão de mundo, sua problemática, seu ponto de vista* (BOURDIEU. 1997, p. 66).

Nesse contexto, se está afirmando que as matérias publicadas nos jornais produzem significados e matrizes para a construção de imagens, valores e crenças sobre a vida escolar. Assim, sua análise possibilita a observação de estratégias de grupos interessados na questão da educação escolar e que pretendem influenciar a construção da opinião pública.

É, pois, nesse mesmo sentido que Martín-Barbero (2003) alerta para a emergência de uma *razão comunicacional* que tem por centro o campo da comunicação – fortemente ancorado nas diferentes mídias – e que se converteu no motor mais eficaz de desengate e inserção das diferentes culturas em torno de uma *hegemonia comunicacional*. O que está em questão, então, é o lugar estratégico ocupado pela mídia no comunicar/ produzir/ hegemônizar novos modelos de

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste texto foi apresentada em uma Mesa Redonda no III Seminário Internacional As Redes de Conhecimentos e a Tecnologia: professores/professoras – textos, imagens e sons. Rio de Janeiro, UERJ, 2005.

sociedade e visões particulares sobre as diferentes instituições da organização social.

Essas formas de hegemonizar e legitimar certas visões de mundo estão marcadas pela imposição sobre os diferentes campos de produção cultural de um conjunto de significados, imagens e valores, que são produzidos num contexto de relações de força que articulam as exigências do mercado – especialmente formado pelos leitores e anunciantes -, os interesses de diferentes poderes – entre eles as instâncias governamentais – e os detentores da informação, como analisou Bourdieu (1997).

Nesse sentido, o que se observa acontecer na atualidade é que as diferentes mídias em circulação nos espaços globalizados têm representado “um dos principais meios de circulação de idéias e imagens” (HALL, 1997, p.17), ocupando, inclusive, espaços de produção, divulgação e consumo de conhecimentos anteriormente pertencentes ao circuito escolar. Os/as professores/as estão seguidamente afirmando isso, ao perceberem que as mídias têm se inserido fortemente nas relações entre conhecimento e autoridade ao divulgarem em seus textos e imagens, eletronicamente produzidas, significados e representações, que são muito facilmente consumidas pela população de crianças e jovens que freqüentam os ambientes de atuação pedagógica; fazendo com isso eco com o que estudou Giroux (1995).

Assim, por tudo que as diferentes mídias têm representado de mobilização de investimentos simbólicos, desenvolvimentos tecnológicos, recursos materiais e interesses políticos, entre outros, pode-se dimensionar o que se descortina como indagações e análises dos fenômenos da comunicação em nossos espaços escolares.

### **O fascínio das imagens, o surgimento da fotografia e as fotojornalísticas**

O fascínio provocado pelas imagens não é coisa atual. Pode-se observá-lo nas mais antigas civilizações e no ancestral interesse que despertaram as imagens visuais que retrataram as experiências e vivências de um grupo social e que foram se instituindo como ícones de um povo. As pinturas rupestres são um exemplo disto.

Berger (1997) assinala que no estudo das formas de expressão e comunicação humana o ver precede as palavras e, indo mais além, distingue que o que vemos

nunca é completamente abarcado no que falamos. Assim, o ato de ver estabelece nosso lugar no mundo, nossa relação com as coisas e, por isso, mesmo tendo em vista que a nossa maneira de ver está implicada no que sabemos e acreditamos, pode-se dimensionar o impacto sobre o indivíduo daquilo que ele teve a oportunidade ver.

O que se tem atualmente como sendo a grande novidade do mundo em que vivemos é a emergência de uma verdadeira revolução no campo das imagens.

A partir do século XIX, com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, muito foi investido na construção de dispositivos técnicos para a produção de imagens. Este é também o momento em que a fotografia foi inventada<sup>2</sup> e passa a ter um papel destacado no campo das ciências exatas, naturais e humanas. Isso por que, de um lado, à descoberta da fotografia se associam múltiplas invenções de que ela seria o agente e o suporte. Por outro lado, ela era entendida como possibilitando que se realizasse uma aproximação “a mais verdadeira possível” da natureza e dos povos distantes, que a Antropologia, por exemplo, andava interessada em conhecer. Melhor dizendo, a fotografia foi concebida nesse período como uma poderosa ferramenta de pesquisa, apoiada em sua potencialidade para realizar uma “representação fiel” da realidade, coisa especialmente interessante num momento em que se mobilizavam os esforços na construção de um campo específico da ciência – as ciências sociais - de feição positivista, que buscava encontrar as melhores formas de produzir um conhecimento marcado pela precisão e a objetividade (SAMAIN, 2001).

Outra novidade do século XIX é o surgimento do jornal diário, que passou a dar visibilidade a atos políticos, fatos da vida econômica e social, que até então se mantinham na sombra. Decorreram disto muitos novos problemas, que se associavam, por um lado, à discussão do “que deve tornar-se público” e, por outro lado, às relações de poder que envolviam a divulgação de determinados temas e questões ou a direção dada a esta veiculação. Weber (2002), estudando o potencial desta nova indústria, lembrou que as empresas jornalísticas se encontravam em uma posição complicada, posto que freqüentemente divididas entre os interesses do leitor do jornal e os interesses dos grupos econômicos ligados ao jornal. A esta altura, o que se via emergir era o confronto entre a necessidade de vender um produto e a possibilidade que a empresa tinha de moldar a opinião pública, arbitrariamente..

---

<sup>2</sup> Samain (2001) indica que a fotografia foi inventada em 1839.

Quando as imagens visuais passaram a ser utilizadas maciçamente nos jornais, se tornaram um recurso importante para dar leveza e credibilidade ao texto e uma nova história do jornal se instituiu.

Neste contexto de relações de poder, acrescenta-se atualmente a concentração das mídias nas mãos de um grupo cada vez menor de empresários, que se tornam propensos a converterem seus negócios em *indústrias da consciência*. Essa possibilidade se apóia no desenvolvimento dos recursos de persuasão e no incremento de dispositivos que facilitam controlar as atitudes dos receptores em relação às mensagens visuais, especialmente através da produção de estereótipos. Um caminho prodigioso que *cumprir uma dupla finalidade a de reter o cliente e normatizar o cidadão* (BAEZA, 2001, p.23).

Enfim, foi exatamente o grande desenvolvimento de dispositivos técnicos para a produção de imagens paradas e em movimento que possibilitou o surgimento de uma nova cultura visual, caracterizada pela proliferação das imagens. Estas nos interpelam a todo momento e em todo lugar. O lazer, a moda, a religião, o esporte estão envolvidos pela sedução da imagem, que dá dinamismo à produção de significados nestes tempos pós-modernos. Novaes (1998) afirma, no entanto, que nos apercebemos muito precariamente da força das imagens que se impregnaram no nosso cotidiano, *transmitindo e moldando valores fundamentais da nossa cultura* (p.116). Elas estão em interação com os diversos modos de vida e práticas culturais, que circundam nas sociedades em que se vive, e nesse diálogo são objeto da comunicação e da expressão de valores, posturas e costumes.

Sontag (2003), observando o mundo de signos e representações visuais que nos cercam, destaca, então, o papel proeminente representado pela fotografia, em um mundo em que as imagens em movimento (televisão, vídeo, cinema) se expandiram. A fotografia ainda fala muito forte ao sentimento e se pode distingui-la por sua possibilidade a apreender, de forma muito rápida, o momento, a circunstância.

Voltando à propalada crença no realismo das fotografias, é fácil entender que da observação de seus processos físico-químicos e mecânicos de produção de instantâneos e flagrantes de situações sociais, que ela é capaz de captar, se possa supor este sentido de uma cópia fiel da realidade. Darbon (1998) lembra, no entanto, que exatamente este efeito de realismo que a fotografia produz é algo que tem merecido a consideração de seus analistas. Ou seja, posto que não se pode deixar de

considerar que a fotografia é fabricada a partir de convenções, normatizações, seleções, que se apóiam em significados culturalmente difundidos, o que se tem problematizado é a perspectiva das formas de seleção, do enquadramento da foto, do ângulo de visão, da iluminação etc. que, no plano dos recursos técnicos, distinguem um determinado olhar do fotógrafo que põe em ação sua teleobjetiva. Afora disto, há que se considerar a existência de diferentes visões a respeito de um mesmo fato ou acontecimento social e que o fotógrafo não está alheio aos efeitos de verdade que se depreende daquilo que ele irá produzir. O que a fotografia representa é, então, uma maneira de ver ou uma determinada visão das coisas, mediada por uma ação intencionada.

### **O que as fotos pretendem mostrar**

A fotografia pode ser entendida como um sistema simbólico bastante flexível, que comporta múltiplos significados. O receptor dessa imagem fará sua decodificação a partir daquilo que incorporou em seu universo cultural, das experiências e dos conhecimentos anteriormente introjetados. Novaes (1998) indica que a preocupação com o modo como os significados das imagens serão recebidos pelo leitor implica numa negociação de sentidos que se realiza no contexto cultural na qual elas se inserem. As diferentes disposições que dão organicidade ao jornal estão postas de forma a atingir esses signos culturais e produzir efeitos de sentido para o leitor. É um arranjo que não pode descartar as diferentes visões de mundo, os diferentes pontos de vista e as representações que estão internalizadas no imaginário social. Neste contexto, há imagens que são especialmente sedutoras. As que focalizam escolas, disputas políticas e a violência urbana - que estarão incluídas na análise encetada neste texto - são algumas destas.

Enfim, buscar os sentidos que uma imagem constrói exige articulá-la com o contexto de sua produção. É nesse sentido que Bardin (2003) indica que um trabalho como este tem que se ter em vista a *situação concreta na qual circularam os atos de comunicação* (p.245), o que implica levar em conta os meios materiais, os lugares, os momentos, o ambiente social e a conjuntura política.

Há, pois, um amplo repertório de situações, circunstâncias, elementos simbólicos, motivações políticas que vão incidir na divulgação das notícias do jornal.

Estes são aspectos a se distinguir nas fotojornalísticas que focalizam a escola e que colocam os sujeitos educativos no centro de uma cena, que a matéria jornalística pretende discutir.

A questão da conjuntura política, pela importância que teve no ano 2004 como propiciadora das formas e mecanismos de imposição de conteúdos e significados arbitrários, será analisada a seguir.

### **A conjuntura política**

A matéria jornalística está inserida num contexto ou conjuntura, que é o pano de fundo em torno do qual se planta a informação. Essa conjuntura, no entanto, não pode ser analisada de forma neutra, posto que ela estará sempre relacionada a *uma determinada visão de sentido e do rumo dos acontecimentos* (Souza, 2003, p.7).

É essa *visão de sentido* - que sustenta a produção de uma hegemonia comunicacional, no dizer de Matín-Barbero (2003) ou as disputas em torno do monopólio da informação legítima, como analisou Bourdieu (1997) - que estabelece as direções tomadas e as representações construídas a respeito de um acontecimento social.

Nesse contexto, Souza (2003) fala, ainda, da importância de se distinguir os cenários de um conflito, que podem se deslocar e com isso ir modulando as mudanças que se dão no processo, assim como delineando um conjunto de relações de força que atuam por detrás dos acontecimentos.

Enfim, nesse período analisado, o que se pôde observar como conjuntura propiciadora da divulgação de notícias sobre o Ensino Fundamental em O Globo e O Dia foi, em primeiro lugar, o fato de 2004 ser um ano de eleição de prefeitos e vereadores dos municípios brasileiros e no Rio de Janeiro havia uma disputa acirrada entre dois partidos: o PFL - partido do prefeito, que naquela disputa pleiteava a reeleição – e o PMDB – partido do governo do Estado, que havia apresentado como candidato a prefeito o vice-governador e tinha interesse de reforçar suas posições políticas, ocupando a direção do Estado e de sua capital. Esses dois partidos centraram seus sentidos na eficiência administrativa e no desenvolvimento de políticas públicas. Esse contexto ambientou, também, a “guerra” do tráfico de drogas na Rocinha – ainda marcada pelas disputas entre o governo

estadual e o municipal – e as outras tantas situações em que a violência urbana se apresentou de forma mais contundente; a apresentação dos resultados da avaliação do Programa Nova Escola, da Secretaria Estadual de Educação; a mudança do uniforme da rede pública municipal – que se inseriu no contexto do *marketing* da prefeitura para as eleições municipais -; a questão da merenda escolar – ainda difícil de analisar em suas interfaces de *marketing*, racionalização do sistema e interesses comerciais em jogo -; e uma série de reivindicações de cunho trabalhista encetadas pelos docentes.

Assim, as notícias sobre o Ensino Fundamental divulgadas neste período tiveram a marca do confronto político e, em seu entorno, se imiscuíram sentidos arbitrários, que produziam uma visão de escola e de professores/as e que se projetavam nas brechas das lutas por hegemonia.

### **A pesquisa realizada**

A pesquisa apresentada nesse texto teve por base empírica as notícias que envolviam questões ligadas ao Ensino Fundamental, divulgadas no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2004 nos dois jornais cariocas de maior circulação: O Globo e O Dia<sup>3</sup>. A par de sua grande circulação, esses dois jornais estão endereçados para segmentos diferenciados de leitores cariocas e pode-se dizer que o próprio nome dado a estes periódicos especificam a direção tomada em suas notícias. O Dia é lido por um amplo segmento da população que se interessa por dados que falem mais a respeito de seu cotidiano, do mundo do trabalho, das questões que afetam mais propriamente a qualidade de vida na cidade. O Globo é um jornal – ligado ao maior grupo empresarial de produção de diferentes mídias no Brasil - que atinge, em maior escala, um estrato social mais interessado em questões mais gerais – locais, nacionais e internacionais - e matérias que sejam objeto de uma análise mais detalhada.

---

<sup>3</sup> Gomes (2003) indica que, a partir de pesquisa realizada em 2001, a Associação Nacional de Jornais classificou as 10 maiores tiragens de jornais brasileiros e nesta O Globo e O Dia ocupam, respectivamente, o terceiro e o quarto lugar, estando logo abaixo da Folha de São Paulo (1º lugar) e de O Estado de São Paulo (2º lugar).



A coleta do material se deu a partir de um meticuloso trabalho de seleção e recorte das notícias, que foram catalogadas e codificadas em fichas previamente elaboradas<sup>4</sup>. Foram confeccionadas 693 fichas.

Estas condensaram um amplo repertório de situações, circunstâncias, elementos simbólicos, motivações políticas que se inseriam nas matérias jornalísticas e tinham que conviver com uma outra circunstância de ordem prática: a notícia tem urgência de ser divulgada. O jornal não pode deixar de publicar o acontecimento marcante e vai atrás do “furo” de reportagem, a ele interessa chegar primeiro.

Bourdieu (1997), analisando o efeito de campo pouco favorável à autonomia individual e coletiva do trabalho do jornalista, fala da concorrência entre os diferentes jornais, alavancada pela busca incessante de notícias e na tentativa de “cobrir” os diversos acontecimentos do cotidiano. Tendo-se em vista, então, que foi um mesmo repertório de notícias que deu origem às matérias publicadas em O Globo e em O Dia, pôde-se verificar que em O Dia houve um espaço maior para a publicação de notícias sobre a escola e os/as professores/as, o que corrobora o que foi dito a respeito da direção dada a este periódico para assuntos de maior apelo popular. Afora isso, suas fotos eram maiores, ocupavam um espaço gráfico de maior destaque e as matérias, de forma geral, se dirigiam para questões ligadas à Rede Pública de Ensino. As fotos de O Globo estampavam, mais freqüentemente do que as de O Dia, as escolas da Rede Privada de Ensino mesmo em matérias que discutiam questões ligadas ao ensino público. No caso, as fotos de escolas e professores/as da Rede Privada apresentavam um contraponto das notícias sobre as carências da escola pública, marcando uma característica própria deste tipo de informação, na qual não importa apenas o que se vê, mas a relação que se institui entre o que se vê e o que se deixa visível, como afirma Peruzzolo (2004). Isso leva a que, neste processo de produção de sentidos, se tenha em vista a relação entre o sujeito que recebe a mensagem e os signos que a fotografia pretende pôr em ação.

Neste ponto, há que se lembrar que nem toda notícia vem acompanhada de fotos, mas se pode dizer que, àquelas que se pretende dar maior destaque há um interesse de apresentá-las com maior apelo visual. As fotografias se inserem, então,

---

<sup>4</sup> Nesta tarefa se teve por suporte um material produzido por uma pesquisa intitulada “O descobrimento do Brasil: memória social e representações de brasileiros e portugueses”, realizada no Instituto de Psicologia/ UERJ, sob coordenação do professor Celso Sá.

no texto jornalístico como um componente essencial da informação e da produção de significados.

Outro aspecto a se ressaltar, são as circunstâncias que motivaram a divulgação da foto, o que sugere a análise do que há na imagem visual que permite lê-la de uma determinada forma, como sugere Baeza (2001). Assim se estará articulando o objeto concreto que temos diante de nossos olhos com o contexto sócio-cultural que lhe dá sentidos.

No Banco de Dados, existem 188 fotos que estamparam a escola ou o professor/a, o que representa 60,64% do conjunto de fichas de matérias jornalísticas que foram ilustradas por fotos. O grande volume destas imagens visuais ligadas ao que é objeto deste estudo está de acordo com o esperado, tendo-se em vista a centralidade destes sujeitos em relação à questão do Ensino Fundamental.

Para um detalhamento maior, vale destacar que, neste conjunto, 151 fotos retratam - em diferentes situações e posições - a escola (48,70% do total) e somente 37 registram a imagem de professores ou professoras (11,94% do total). Este quantitativo diminuto em relação aos docentes leva a que se indague o que isso pode significar. Cabe, neste caso, ressaltar alguns aspectos desta circunstância.

Certamente que fotografar o professor/a é tarefa mais complexa do que fotografar as escolas – especialmente suas fachadas, que é o que apareceu mais freqüentemente. No entanto, apesar do que foi aludido acima, cabe, ainda, estranhar o que se destacou como sendo um número relativamente reduzido de fotografias que enfocaram o professor/a, tendo em vista a posição social desses sujeitos e o que sua presença representa na transmissão de conteúdos simbólicos a respeito da vida na escola.

Nesse ponto, cabe destacar o estudo de Pereira e Andrade (2005) que objetivou descrever as pré-noções sobre educação, mobilizadas por jornalistas em reportagens veiculadas nas revistas Isto É e Veja. Nos dados coletados por esses autores pode-se perceber muitas aproximações com o que pude verificar nesta pesquisa e, em especial, a observação dos mecanismos de modulação no sentido da imposição de conteúdos arbitrários e pontos de vista sobre a educação.

## As fotojornalísticas que estamparam as escolas

Ao analisar as fotojornalísticas sobre as escolas divulgadas por O Globo e O Dia no ano de 2004, a primeira menção a ser feita é aquela já aventada acima: a distinção entre a escola da Rede Privada e a escola da Rede Pública, que perpassou em diferentes signos fotográficos. A primeira apresentou-se sempre com suas melhores cores, instalações e atividades pedagógicas.

No texto de Pereira e Andrade (2005), os autores destacaram que *de todas as oposições identificáveis nas matérias consultadas, nenhuma parece ser mais freqüente do que a entre a escola pública e a particular* (p.135). Essa oposição na observação de Pereira e Andrade se dá de maneira aparentemente objetiva, imputando os bons valores à escola da Rede Privada e voltando um olhar crítico e vigilante para a escola da Rede Pública.

É exatamente o que observei nas matérias jornalísticas que analisei.

Nesse contexto, as escolas da Rede Privada de Ensino apareceram pouco nas páginas dos jornais O Dia e O Globo, mas sua presença foi marcada pela divulgação de “boas” notícias a seu respeito, com algumas poucas restritas exceções como a da divulgação de uma briga entre crianças que se tornou “um caso de polícia” em uma escola tradicional de Petrópolis/RJ (O Globo, 26/10, p. 14) e a veiculação de uma notícia sobre ferimentos causados a uma criança que foi espancada por um colega na escola (O Dia, 7/5/05, p. 9).

Amparado pelo que se pôde perceber como interesses do mercado e fazendo, então, críticas a situações que envolviam as escolas da Rede Privada, houve a divulgação do movimento da Associação de Pais de Alunos que contestavam os “aumentos abusivos” praticados por algumas instituições de ensino (O Dia, 20/10, p. 17).

No outro pólo está o estabelecimento público e, lembrando a sedução das imagens, pode-se aquilatar os significados do que foi divulgado como mensagem nas fotojornalísticas a respeito da escola pública, no ano de 2004. De forma geral, elas focalizaram uma instituição decadente, carente, pichada, fechada, distante, como a que se pode ver na foto 1.



O Globo, 09/05/2004, p. 17

Foto 1

Essa imagem tão depreciada foi enunciada de forma mais expressiva nas fotografias que acompanharam as notícias a respeito do que se convencionou chamar a “Guerra da Rocinha”<sup>5</sup> e seus reflexos no cotidiano escolar. As escolas da Rede Pública Municipal que se encontravam nos arredores do campo de litígio foram fotografadas fechadas por grandes cadeados. A visão de sua fachada, no entanto, permitia ver também seus muros pichados, a sujeira se amontoando na calçada, basculantes quebrados, pintura desfeita e tantos outros sinais de um abandono muito mais antigo do que a Guerra do Tráfico e muito em desacordo com as imagens das “Escolas da Prefeitura”, mostradas na TV no corpo da campanha do prefeito à reeleição.

A violência nas escolas e aquela da cidade também motivaram o trabalho do fotógrafo. Por exemplo, foi seguidamente retratado o fechamento de escolas por

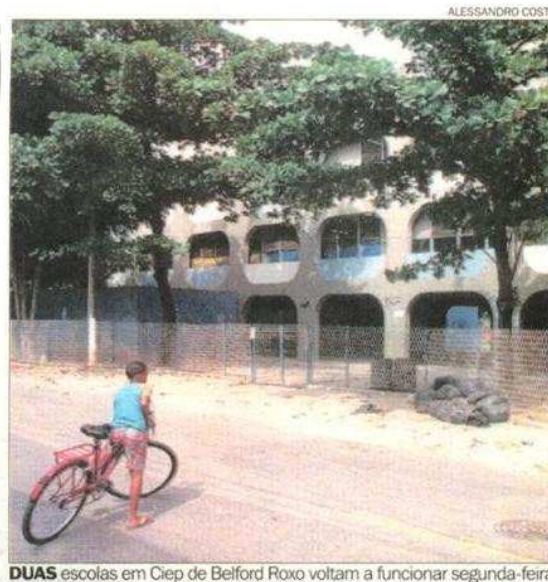
---

<sup>5</sup> A “Guerra da Rocinha” refere-se a um conflito de grandes dimensões, ocorrido na favela da Rocinha, a maior favela do Rio de Janeiro, pelo domínio do tráfico de drogas. Diferentes comandos de também diferentes locais daquela região se digladiaram deixando a população da favela e de seus arredores sobressaltada e correndo grandes riscos quanto à sua segurança física.

decisão do comando do tráfico de droga, em momentos em que o conflito esteve mais intenso. Mas outras situações da violência urbana também foram estampadas nas fotos. Elas indicavam a existência de uma violência que adentrava na escola e fazia suas vítimas.

Houve, ainda, uma seqüência de fotos que registraram as muitas carências da escola pública, apresentadas em diferentes circunstâncias. Elas ilustraram, entre outros, a falta de vagas na escola do bairro e a migração de alunos/as para escolas distantes de sua moradia (O Dia, 8/1, p. 14), as restrições na merenda escolar (O Dia, 7/2, p. 26), a falta de professores/as para disciplinas do currículo escolar (O Dia, 13/3, p.25), as deficiências das salas de aula e a improvisação de lugares no pátio da escola (O Dia, 23/3, p. 18), as reduções de verbas no Colégio de Aplicação/UFRJ e no Colégio D.Pedro II (O Globo, 31/5, p. 18), a falha da segurança em uma escola da Rede Municipal (O Dia, 19/7, p.23), a suspensão das aulas devido ao corte de energia elétrica em uma escola da Rede Estadual (O Globo, 4/10, p.19), as péssimas condições de conservação do prédio escolar (O Globo, 28/10, p. 8), entre outras.

No contexto de disputas políticas, de lutas por melhores condições de trabalho, de diferentes interesses em torno da qualidade do ensino, vale destacar a imagem de uma escola silenciosa – foto 2 – vazia de seus alunos/as e professores/as, fechada por ordem do tráfico. Um menino a observa.



DUAS escolas em Ciep de Belford Roxo voltam a funcionar segunda-feira  
O Dia, 07/05/2004, p. 17

**Foto 2**

No contraponto e associado à preocupação com os problemas sociais que afligem as grandes metrópoles brasileiras, foi também retratado pelos fotógrafos dos jornais analisados programas instituídos e apoiados por organizações internacionais para trazer as crianças e os jovens para a escola e os afastarem dos riscos da sedução do narcotráfico. Eles são o Programa Sucesso e as Escolas de Paz.

O Programa Sucesso, realizado em 200 escolas da Rede Estadual de Ensino, oferece aulas de reforço aos sábados para alunos/as com dificuldades em alguma área do currículo escolar e gincanas para premiar os alunos/as que mostrarem melhor desempenho (O Dia 15/6, p. 13 ; O Dia, 28/7, p. 27).

As Escolas de Paz é um programa realizado em escolas da Rede Estadual de Ensino (O Dia, 7/12, p. 14 – com várias fotos) em convênio com a UNESCO. Os alunos/as das Escolas de Paz dizem que “a escola é a maior diversão” (O Globo, 7/12, p.14 – várias fotos).

Nesse mesmo aspecto, há, também, a divulgação de algo que se pode incluir numa categoria de Escolas-Modelo – assemelhando-se a iniciativas de meados do século passado - que, tanto na Rede Municipal quanto na Rede Estadual, organizam

projetos que atendem a grupos de alunos/as que realizam atividades complementares de preparação para o trabalho ou capacitação para as novas tecnologias. Elas parecem produzir signos que funcionam como um efeito-demonstração do interesse da administração pública pela qualidade e efetividade da educação pública. É o que se pôde ver na foto de alunos/as da Rede Pública Municipal cuidando de uma horta e a manchete em cima anunciava “Horta contra evasão” (O Dia, 21.3, p. 31) e a foto de uma escola da Rede Pública Estadual apresentada como um modelo (O Dia, 2/10, p. 17).

### **As fotojornalísticas que estamparam o/a professor/a**

Dando, a seguir, atenção às imagens visuais do/a professor/a estampadas nos jornais pesquisados, pode-se dizer que, no correr do ano, em todos os 12 meses foram estampadas fotos de professores/as nos jornais pesquisados. As circunstâncias que motivaram a apresentação destas fotos se ligam a aspectos bem específicos do trabalho docente.

Para detalhar melhor essa afirmação, pode-se destacar, primeiramente, que o mês de março foi aquele em que houve uma presença maior de fotos que estamparam professores/as. No caso, o que esteve em foco foi a divulgação dos resultados da avaliação do Programa Nova Escola<sup>6</sup> e os decorrentes protestos de docentes inconformados com aquilo que iria repercutir negativamente em seus salários; a perplexidade dos docentes em relação às precárias condições dos prédios escolares naquele início de ano letivo; e as muitas queixas de professores/as a respeito dos prejuízos causados pela desorganização de um concurso para preenchimento de vagas de um contrato temporário de professor/a no município de Caxias, que tem se apresentado no Estado do Rio de Janeiro como um modelo de boa administração da educação pública.

Em outubro, novamente, se viu fotos de professores/as em protesto contra as falhas de um concurso organizado pela Administração Pública Estadual. Outros

---

<sup>6</sup> O Programa Nova Escola visa realizar a avaliação do Sistema Estadual de Educação do Rio de Janeiro, acompanhando os atuais processos de avaliação em larga escala, que se apóiam num discurso que faz associar a maior autonomia e participação do corpo docente e discente das escolas com as transformações pretendidas nos processos pedagógicos. Neste Programa se intenta, também, propiciar condições para que os professores/as sejam gratificados pelo desempenho do coletivo de cada unidade escolar. No ano de 2004, houve rebaixamento na classificação da maioria das escolas.

protestos, ocorridos durante este mês, também levaram os jornais a estamparem fotos de professores/as lutando pelo que percebiam como os seus direitos. Houve, por exemplo, um movimento de reivindicação de aumento salarial, feito por docentes da Rede Pública Estadual, com a ocorrência, inclusive, de manifestações nas escadarias da Assembléia Legislativa do Estado, passeatas nas ruas etc.

Ao lado das fotos sobre as lutas e reivindicações docentes apareceram, também, imagens de professoras em sala de aula aplicando trabalhos ou provas para sua turma. Elas, no entanto, ilustravam as matérias relativas às questões candentes do protesto docente e se apresentavam como um contraponto da atividade de rua. Era o fazer docente em fotos que estampavam a organização tradicional da sala de aula e a centralidade do professor/a na direção do trabalho pedagógico. Imagens estas muito fortemente arraigadas no imaginário popular e fruto de experiências particulares da vida nas escolas, como se pode observar na foto 3.



O Globo – 16/06/2004 – p.3

**Foto 3**



Afora isso, a divulgação das más condições de trabalho, da precariedade dos recursos didáticos, da violência nas escolas e na cidade, da falta de professores/as para algumas disciplinas do currículo escolar também fizeram os fotógrafos de O Dia e O Globo irem às ruas ou às escolas fotografar docentes inconformados.

Num outro pólo e com freqüência muito reduzida, pôde-se também recolher fotojornalísticas de professores/as, que ilustraram notícias sobre algum aspecto relativo a inovações pedagógicas ou à adequada orientação do trabalho pedagógico. Contudo, essas, de forma geral, falavam de situações vividas nas escolas da Rede Privada de Ensino.

Com isso, pode-se dizer que a imagem do professor/a projetada nas fotojornalísticas foi, em grande parte, uma imagem de descontentamento, de protesto, de insatisfação com as condições de trabalho, de queixas em relação às várias carências observadas e da indignação com a violência na escola ou na cidade. Professores/as seguidamente se apresentaram com fisionomias tensas e preocupadas ou gestos muito expressivos como na foto 4, que retrata um grupo de professores/as inconformados/as com os resultados da avaliação do Programa Nova Escola e que resolveram, então, avaliar também o desempenho do governo do Estado. Eles/as lhe atribuíram nota pior do que a que receberam seus colégios de origem. Indicam que ele merecia um zero.



Foto 4

O Dia – 03/03/2004 – p.3

Alguns sorrisos de professores/as também foram estampados, assim como olhares que pediam a cumplicidade do leitor para as suas lutas ou acenavam para o valor de sua tarefa profissional.

Aí estavam as diferentes facetas deste sujeito que apareceu nas fotos dos jornais O Globo e O Dia e esteve no ano de 2004 vivendo situações muito significativas da crise que ronda sua atividade profissional, num contexto em que ainda se percebe algo de seu antigo prestígio, do que permaneceu no imaginário social como os sinais históricos de sua afirmação profissional, de sua missão civilizatória.

## Conclusões

A análise das fotos das escolas e dos professores/as que ocuparam as páginas dos jornais O Dia e O Globo deixaram entrever intenções, fórmulas, significados que procuravam dirigir o olhar do leitor para os sentidos que interessava divulgar.

A foto estampada no jornal é motivo de comentários. O grande anonimato da vida dos professores/as, divididos em suas diversas tarefas docentes que se multiplicam nas muitas salas de aula que freqüentam a cada ano, se rompe quando estes/as aparecem no jornal.

Chico Buarque cantou: *a dor da gente não sai no jornal*. Neste caso, foi, muitas vezes, a dor de muitos professores/as, de muitos sujeitos educativos que habitavam as escolas, que esteve estampada nas fotos dos jornais. Estas indicavam que aquele assunto – inserido numa rede de significados e mitos sobre a formação humana, os interesse políticos, a visão de mundo, o cuidado com as crianças e jovens - foi considerado como sendo importante de se dar visibilidade, que interessava dar um espaço naquela mídia para aquela notícia.

Esta instituição social, que deveria ficar no esquecimento naquele ano de 2004 - segundo o que era do interesse do governo municipal e estadual -, apareceu freqüentemente nas fotos dos jornais. O movimento contestatório dos docentes, as carências das escolas, a violência da favela e dos bairros, os programas de incentivo ao bom desempenho escolar ou à permanência do/a aluno/a na escola ganharam visibilidade.

Assim, os muitos sentidos e significados vinculados à escolarização e ao trabalho docente foram se enunciando nestas mensagens fotográficas e, nas suas margens, práticas pedagógicas foram fortalecidas ou desprestigiadas.

Não há como descartar a construção de valores e o intuito de formação da opinião pública ou o esforço de manipulação de sentimentos e crenças a respeito do que se passa no cotidiano das escolas, que faz parte da política da editoração jornalística. Por isso, o assunto referente à escola ou aos professores/as, que entrou na pauta do jornal e foi divulgado, teve impacto nos motivos e sentidos para o agir pedagógico.

Enfim, no ano de 2004, as fotos sobre as escolas e os professores/as, que foram divulgadas em O Globo e O Dia, falaram de um espaço cultural que, parecendo contido em seus muros e protegido por seus portões, esteve na mídia retratando a vida que se vive na cidade do Rio de Janeiro e principalmente suas lutas e conflitos, suas divisões sociais e diferenças culturais e, também, um pouco de seus sonhos e desejos de um dia ser melhor.

## Referências

- BAEZA, Pepe. *Por uma función crítica de la fotografia de prensa*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.
- BARDIN, Laurence. L'analyse de contenu et de la forme des communications. In: MOSCOVICI, Serge e BUSCHINI, Fabrice (orgs.) *Les méthodes des sciences humaines*. Paris: PUF, 2003, p. 243-270.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão – seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.
- DARBON, Sébastien. O etnólogo e suas imagens. In: SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. São Paulo/ Brasília: CNPq: HUCITEC, 1998, p.100-111.
- GIROUX, Henry A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In.: SILVA, Tomas Tadeu da (org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 132-158.
- GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar*. São Paulo: Hacker Editores/EDUSP, 2003.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.22, n.2, p.15-46, jul./dez., 1997.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na antropologia. In: SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. São Paulo/ Brasília: CNPq: HUCITEC, 1998. p.112-119.
- PEREIRA, Gilson R. de M. e ANDRADE, Mariada Conceição L. de Socioanálise de pré-noções no discurso jornalístico sobre educação. *Revista Brasileira de Educação*, n.28. p. 128-139, jan./ fev./ mar./ abr., 2005.
- PERUZZOLO, Adair Caetano. Valor da informação fotojornalística em ZH. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27. – INTERCOM, 2004 – Porto Alegre, 30/8 a 3/9 de 2004. 15p.

SAMAIN, Étienne. Quando a fotografia (já) fazia os antropólogos sonharem: o jornal La Lumière (1851-1860). *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 44, n.2, p.53-62, 2001.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Hebert José. *Como se faz análise de conjuntura*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

WEBER, Max. Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa. *Lua Nova*, n.55/56, p.185-194, 2002.